

UM ABOLICIONISTA ESQUECIDO

Manoel Albano Amora

Falando a respeito dos serviços prestados ao Brasil pelo seu ilustre pai, disse José de Alencar em "Como e Porque Sou Romancista": "E todavia ninguém se lembrou ainda de memorar o nome do Senador Alencar, nem mesmo por esse meio econômico de uma esquina de rua".

A judiciosa observação, me vem à mente todas as vezes que verifico quão esquecidos são em nossa terra certos valores, em benefício de outros personagens de menores méritos.

Os historiadores cearenses, na sua quase maioria, chegam a olvidar nas suas crônicas alguns nomes que não merecem suportar, em vista dos seus feitos, o peso do esquecimento. No capítulo da Abolição, por exemplo, o de Manoel Albano Filho nem sempre é lembrado, omissão de que não terá de se penitenciar o consciencioso Cruz Filho.

Muita gente há de perguntar, certamente, a maneira de Zacarias de Goes, quem foi esse ILUSTRE DESCONHECIDO. O tempo, que tudo transforma, envolve com o véu do silêncio os heróis mais modestos, embora não emudeça para sempre a voz da pátria, generosa demais para calar a sua gratidão.

O Capitão Manoel Albano Filho, Manezinho Albano, como era por todos conhecido, nasceu na antiga vila de Pacatuba, às 4,30 horas do dia 9 de maio de 1858, sendo filho do Tenente-Coronel Manoel Francisco da Silva Albano e de D. Maria Theofilo Albano.

Cursou o Ateneu Cearense, famoso estabelecimento de instrução do seu tempo, ingressando depois no comércio, como

gerente da loja LIBERTADORA, da firma Albano & Irmão, elegante casa de modas desta capital, de nome bem expressivo, no século passado.

No exercício das suas atividades profissionais e na vida social, ele veio a ser um ídolo do povo. Era moço de alta distinção, de conduta irrepreensível, de grande bondade e de irradiante simpatia.

Coração generoso, não lhe foi indiferente a dor do homem negro, pária desejoso de liberdade. Tornou-se logo, assim, o jovem comerciante um dos lutadores pela redenção dos escravos, na Sociedade PERSEVERANÇA E PORVIR, de que foi membro proeminente.

O seu vulto se destacava na sociedade fortalezense pela fidalguia de maneiras e pelo idealismo. Talvez que os seus coevos muito ainda esperassem dele, do seu caráter adamantino e da sua capacidade de sacrifício em prol das causas humanitárias. Mas a vida dos bons não pertence à sua família nem à terra que lhes serve de berço. No dia 8 de agosto de 1887, às 5 horas da manhã, no subúrbio de Arronches, falecia o digno rapaz, na idade de 29 anos, vitimado por uma aneurisma da aorta.

A consternação foi geral na cidade, segundo as notícias publicadas na imprensa, da época incluídos os jornais de Fortaleza e o CORREIO DE SANTANA.

O LIBERTADOR, do mesmo dia, dedicou ao fato sentido necrológico, no qual, depois de afirmar que o extinto fôra “um dos mais valentes e dedicados companheiros d’armas na luta incruenta, porém vigorosa e tenaz, pela liberdade dos cativos”, acrescentou: “Morreu do Coração. E podia morrer quem parece que só tinha coração?”

A GAZETA DO NORTE, também da mesma data, dentre outros tópicos, escreveu: “Tinha apenas 29 anos de idade e já era um dos mais conceituados comerciantes de nossa praça cercado de estima e consideração. Foram suas maneiras afáveis e sinceras que deram tanta popularidade à loja LIBERTADORA, que ele dirigia”.

A CONSTITUIÇÃO do dia 9 assim se manifestou: "Era um moço ilustre estimado e estimável."

O MEIRINHO de 14, inseriu as seguintes palavras: "Descrever os sublimes dotes que ornamentavam o nosso inditoso amigo, seria uma audácia ou um arrojo de nossa parte, pois por mais que fizéssemos não havíamos feito nada".

Dentre as homenagens póstumas podem ser mencionadas, conforme se verifica da leitura dos aludidos órgãos: o fechamento durante o dia 8 de diversas casas comerciais; a ida a Arronches para o saimento, em trem expresso, de trezentos cavalheiros; um belo discurso proferido pelo Dr. Virgílio Brígido à beira do túmulo; um voto de pesar do CLUBE IRACEMA e cancelamento da partida do mês pelo passamento do seu consócio; missas mandadas celebrar pela família, por Confúcio Pamplona, pelo NOVO CLUB DOS LIBERTOS, oficiada pelo Cônego João Paulo Barbosa e pela Sociedade PERSEVERANÇA E PORVIR; discurso, por ocasião das exéquias, de Francisco Perdigão de Oliveira.

A missa mandada celebrar pela Sociedade PERSEVERANÇA E PORVIR, representada pelos srs. José do Amaral, A. Martins, José Teodorico de Castro, F. Florêncio de Araújo, Joaquim José de Oliveira Filho, Alfredo Salgado, A. Cruz Saldanha e Raimundo Maciel, foi resada às 6 horas do dia 6 de setembro na Catedral, havendo o poeta Antônio Martins proferido cintilante e comovedora oração, na qual, depois de justificar a demora da valorosa associação em cumprir aquele dever, disse:

"Manoel Albano Filho era um dos nossos valentes. Ele tinha n'alma spartana as sãs virtudes do patriota e do cavalheiro antigo.

Ao lado dos nossos mais fortes ele tornou-se distinto e nunca, no seu entusiasmo juvenil, brilhou mais esplêndida a cívica irradiação de su'alma do que nesses gloriosos tempos em que foi nosso camarada; nessa campanha de heróica abnegação que ainda hoje poucos conhecem-lhe o valor patriótico.

Ele era o mais moço de nossa legião e entretanto foi o primeiro a deixar-nos!

Como é tristemente minguada e pequena órbita a existência humana! Um vôo de pássaro e eis vencida a distância...

Mas nesse rápido trajeto pela vida, Manoel Albano teceu as grinaldas que merece da gratidão dos homens.

Ele foi antes de tudo um dos libertadores da pátria, ele foi um dos primeiros, ele foi um dos nossos heróis.

Em sua vida modesta deixou à mocidade de sua terra os raros exemplos das virtudes cidadãos”.

Nesses dias lutuosos que viveu Fortaleza, não podia, entretanto, ser cancelada uma Kermesse, iniciada antes da morte do valoroso abolicionista e destinada a angariar numerário para ereção da estátua do General Tibúrcio. O LIBERTADOR de 17 de agosto publicou a propósito da dolorosa contingência da comissão encarregada, de continuar, depois da interrupção que sofreu o seu empreendimento, um suelto, transcrito em um dos outros jornais da terra, e de que foram trechos principais:

“Um dia houve um tristíssimo parêntesis
Os compromissos estavam tomados

Quando os olhares levantaram-se da campa de Manoel Albano Filho fixaram-se de novo no túmulo de Tibúrcio”.

A “Ata da sessão magna que celebrou a associação PERSEVERANÇA E PORVIR em 20 de maio de 1888 pela extinção do elemento servil no Brasil”, diz que Manoel Albano Filho foi um dos mais “terríveis caudilhos” em prol da causa santa da libertação dos cativos na província.

No Museu Histórico do Estado há dois quadros em que figura o seu retrato no célebre óleo de Irineu e na singela fotografia dos diretores da PERSEVERANÇA E PORVIR, ostentando uma fisionomia quase de criança, verdadeiro Benjamin dos libertadores.

Diante de um vulto desse porte, a quem tem sido negada a merecida justiça, constituirá um delito alguém parodiar o genial criador de IRACEMA?